



SALA STAMPA DELLA SANTA SEDE **BOLLETTINO**

HOLY SEE PRESS OFFICE BUREAU DE PRESSE DU SAINT-SIÈGE PRESSEAMT DES HEILIGEN STUHL
OFICINA DE PRENSA DE LA SANTA SEDE SALA DE IMPRENSA DA SANTA SÉ
BIURO PRASOWE STOLICY APOSTOLSKIEJ دار الصحافة التابعة للكرسي الرسولي

N. 0516

Sabato 19.10.2002

Sommario:

- ◆ **LE UDIENZE**
- ◆ **VISITA "AD LIMINA APOSTOLORUM" DEI PRESULI DELLA CONFERENZA EPISCOPALE DEL BRASILE (NORDESTE V)**
- ◆ **UDIENZA AI PARTECIPANTI ALL'ASSEMBLEA PLENARIA DELLA PONTIFICIA COMMISSIONE PER I BENI CULTURALI DELLA CHIESA**
- ◆ **MESSAGGIO DEL SANTO PADRE ALL'EM.MO CARD. FIORENZO ANGELINI**
- ◆ **RINUNCE E NOMINE**

◆ **LE UDIENZE**

LE UDIENZE

Il Santo Padre ha ricevuto questa mattina in Udienza:

il Signor Mikhail Sergeevic Gorbaciov;

S.E. Mons. Fortunato Baldelli, Arcivescovo tit. di Bevagna, Nunzio Apostolico in Francia;

S.E. il Signor Pedro José Rivera Saavedra, Ambasciatore di Bolivia, in visita di congedo;

Partecipanti all'Assemblea Plenaria della Pontificia Commissione per i Beni Culturali della Chiesa.

[01614-01.01]

VISITA "AD LIMINA APOSTOLORUM" DEI PRESULI DELLA CONFERENZA EPISCOPALE DEL BRASILE (NORDESTE V)

Pubblichiamo di seguito il discorso che il Papa ha rivolto agli Ecc.mi Presuli della Conferenza Episcopale del Brasile (Nordeste V), incontrati questa mattina e ricevuti in questi giorni, in separate udienze, in occasione della Visita "ad Limina Apostolorum":

• DISCORSO DEL SANTO PADRE

Venerados Irmãos no Episcopado!

1. «Cristo amou a Igreja e por ela Se entregou para a santificar» (Ef 5, 25).

Me é grato recordar esta afirmação da Carta aos Efésios ao receber-vos hoje, Bispos do Maranhão, aproveitando a ocasião para compartilharmos a riqueza do ministério pastoral que nos foi confiado por Cristo. Encontrando-me convosco pessoalmente nos dias passados, muito me alegrei pelo vosso zelo apostólico, cuja fonte e modelo é a entrega de Cristo referida por S. Paulo.

Abraço-vos com estima, amados Irmãos, e de modo especial quantos dentre vós iniciaram o serviço pastoral nestes últimos anos. Agradeço as palavras que me dirigiu, em vosso nome, *D. Affonso Felipe Gregory*, bispo de Imperatriz e presidente do Regional Nordeste 5, dando conta do estado atual das comunidades cristãs a vós confiadas e das quais conservo uma grata lembrança da minha segunda Visita pastoral à vossa Nação.

2. A missão fundamental do bispo é a evangelização, uma tarefa a desempenhar não apenas individualmente, mas como Igreja, e é missão que se desdobra no tríplice múnus de *ensinar, santificar e governar*.

Como vigários e legados de Cristo, sois chamados inicialmente a oferecer o anúncio claro e vigoroso do Evangelho, de tal modo que se exprima na inteira existência do cristão em todas as situações. Anuncie-se com a palavra, sem a qual o valor apostólico das boas ações diminui ou se perde. Anuncie-se com as obras da caridade, testemunho vivo da fé, não esquecendo as obras de misericórdia espiritual ao lado das obras materiais. Não haja reservas no associar a palavra de Cristo às atividades caritativas, por um mal entendido sentido de respeito pelas convicções dos demais. Não é caridade suficiente deixar os irmãos ao obscuro da verdade; não é caridade nutrir os pobres ou visitar os doentes, levando-lhes recursos humanos e não lhes dizendo a Palavra que salva. «Tudo quanto fizerdes por palavra ou por obra, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por Ele graças a Deus Pai» (Col 3, 17).

3. Como é sabido, o Maranhão participou do início da história da evangelização no Brasil pois, na segunda metade do século XVII, sua Igreja era sufragânea da Província eclesiástica da Bahia. Vosso Estado, desde cedo, tornou-se o centro irradiador da ação missionária de grandes famílias religiosas - jesuítas, capuchinhos, mercedários etc...- muitas das quais, ainda hoje, prestam sua colaboração na ação pastoral da maioria das vossas Dioceses. Vai, pois, aqui o sentimento de gratidão, elevado ao Todo Poderoso, pela obra evangelizadora aí realizada, e que o Sucessor de Pedro deseja estimular com «graça e paz da parte de Deus, nosso Pai, e da parte do Senhor Jesus Cristo! (Rm 1,7).

O Evangelho pregado com fidelidade pelos Pastores, como «mestres da fé» e defensores da Verdade que liberta, é algo que marcará sempre a pauta, como o denominador comum, de cada um dos nossos encontros. As dificuldades que encontrais no desempenho do vosso múnus pastoral não me são desconhecidas: a falta de emprego, de habitação para tantas pessoas (penso, em concreto, nos problemas ligados à migração interna do campo às cidades); os problemas relativos à educação básica e da saúde de muitos segmentos da sociedade que, junto aos desequilíbrios sociais e à agressiva presença das seitas, são fatores geradores de incertezas para definir vossas prioridades pastorais.

Mesmo levando-se em conta os delicados problemas sociais existentes nas vossas regiões, é necessário não

reduzir a ação pastoral à dimensão temporal e terrena. Não é possível pensar, por exemplo, nos desafios da Igreja no Brasil limitando-se a algumas questões, importantes mas circunstanciais, relativas à política local, à concentração da terra, questão do meio ambiente e assim por diante. Reivindicar para a Igreja um modelo participativo de caráter político, onde as decisões são votadas na "base", limitada aos pobres e excluídos da sociedade, mas abstraído da presença de todo os segmentos do Povo de Deus, desvirtuaria o sentido original redentor preconizado por Cristo.

4. O próprio Filho, enviado pelo Pai, confiou aos Apóstolos a missão de instruir «todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a cumprir tudo quanto vos tenho mandado» (Mt 28, 19-20). Esta solene missão de Cristo de anunciar a Verdade salvadora foi transmitida pelos Apóstolos aos Bispos, seus sucessores, chamados a levá-la até aos extremos confins da terra (cf. *Act 1*, 8), «para a edificação do Corpo de Cristo» (*Ef 4*, 12) que é a Igreja.

Os Bispos são chamados pelo Espírito Santo a fazer as vezes dos Apóstolos, como Pastores das Igrejas particulares. Para isto estão revestidos de um poder próprio, que «não é diminuído pela autoridade suprema e universal, mas pelo contrário, é por ela assegurado, fortificado e defendido» (*Lumen gentium*, 27). Juntamente com o Sumo Pontífice e sob a sua autoridade, os Bispos têm a missão de perpetuar a obra de Cristo, Pastor eterno. Com efeito, nosso Salvador deu aos Apóstolos e aos seus sucessores o mandato e o poder de *ensinar* todas as nações, *de santificar* os homens na verdade e de os *governar* (cf. *Christus Dominus*, 2).

Antes de refletir sobre a tríplice dimensão da missão pastoral, apraz-me primeiramente exaltar o centro para o qual todas as vossas atividades devem convergir: «O mistério de Cristo como fundamento da missão da Igreja» (Carta Enc. *Redemptor hominis*, 11). Aquele que, de algum modo, participa na missão da Igreja deve crescer na fiel adesão ao mandato recebido. Isto vale em primeiro lugar para os Bispos que foram, por assim dizer, «inseridos» de maneira muito especial no mistério de Cristo. Revestido da plenitude do sacramento da Ordem, o Bispo é chamado a propor e viver o mistério integral do Mestre (cf. *Christus Dominus*, 12) na Diocese a ele confiada. É mistério que contém «insondáveis riquezas» (*Ef 3*, 8). Conservemos este tesouro!

5. No tríplice ministério dos Bispos, como ensina o Concílio Vaticano II, sobressai a *pregação do Evangelho*. Os Pastores devem ser sobretudo «arautos da fé que para Deus conduzem novos discípulos» (*Lumen gentium*, 25). Como homens «que distribuem integralmente a palavra da verdade» (*2 Tim 2*, 15) devemos transmitir juntos aquilo que nós mesmos recebemos: não a nossa própria palavra, por mais douta que for, porque não pregamos a nós mesmos, mas a Verdade revelada que deve ser transmitida com fidelidade, conforme o ensinamentos da Igreja.

Quanto ao ministério de *ensinar*, encontrais um clima cultural de difícil equacionamento devido ao analfabetismo adulto e infantil, mesmo quando os dados do último Censo revelaram o encorajador aumento da média de anos de estudos entre a população mais pobre.

Por outro lado, permanecem elevados os índices relativos à fragilidade do matrimônio, à violência infantil e à desnutrição; a estes, juntam-se os problemas de moradia, de falta de saneamento básico em muitos lugares e da evidente influência, às vezes negativa, dos meios de comunicação social; estes últimos, em particular, quando orientados por uma mentalidade, hoje muito difundida, de excluir da vida pública os interrogativos acerca das verdades últimas, confinam na esfera privada a fé religiosa e as convicções acerca dos valores morais. Corre-se assim o perigo da existência de leis que exercem uma forte influência sobre o pensamento e o comportamento dos homens, prescindindo do fundamento moral cristão da sociedade.

Caros Irmãos, vós sabeis que é dever fundamental do Bispo, como Pastor, convidar os membros das Igrejas particulares a ele confiadas, a aceitar em toda a sua plenitude o ensinamento da Igreja a respeito das questões de fé e moral. Não devemos desanimar se, às vezes, o anúncio da Palavra é acolhido somente em parte. Com a ajuda de Cristo, que venceu o mundo (cf. *Jo 16*, 33), o remédio mais eficaz é prosseguir, «oportuna e inoportunamente» (*2Tim 4*, 2), na divulgação serena, mas corajosa, do Evangelho.

Exprimo estes votos especialmente pensando nos jovens do vosso Estado, que chegam a constituir, por

exemplo, na capital, a metade da população. Ao exercerdes o ministério eclesial de ensinar, em união com os vossos sacerdotes e com os colaboradores no serviço catequético, tende particular cuidado na *formação da consciência moral*, que deve ser respeitada como «santuário» do homem a sós com Deus, cuja voz ressoa na intimidade do coração (cf. *Gaudium et spes*, 16). Mas, com igual fervor, recordai aos vossos fiéis que a consciência é um tribunal exigente, cujo juízo deve sempre conformar-se às normas morais reveladas por Deus e propostas com autoridade pela Igreja, com a assistência do Espírito Santo.

Um claro e unívoco ensinamento a respeito dessas questões não deixará de influir de maneira positiva no necessário retorno ao sacramento da reconciliação, hoje infelizmente - também nas regiões católicas do vosso País - bastante abandonado.

6. Quanto ao exercício da missão de *santificar*, «o Bispo deve ser considerado como o sumo sacerdote do seu rebanho, de quem deriva e depende, de algum modo, a vida de seus fiéis em Cristo» (*Sacrosanctum Concilium*, 41). Por isso, ele é, por assim dizer, o primeiro liturgo da sua Diocese e o principal dispensador dos Mistérios de Deus, organizando, promovendo e defendendo a vida litúrgica na Igreja particular a ele confiada (cf. *Christus Dominus*, 15).

A este respeito, recomendo-vos vivamente os dois sacramentos fundamentais da vida cristã: *Batismo* e *Eucaristia*. Logo após ser elevado à Cátedra de Pedro, aprovei a *Instrução sobre o Batismo das crianças*, na qual a Igreja confirmou a praxe batismal das crianças, em uso desde o início. Justamente nas vossas Igrejas locais se insiste na exigência de só administrar o Batismo no caso em que se tenha a fundada esperança de que a criança seja educada na fé católica, de maneira que o sacramento possa frutificar (cf. *CIC*, cân. 868, 2). Às vezes, porém, as normas da Igreja são interpretadas de modo restritivo, descurando-se o bem mais profundo das almas. Acontece assim que, aos pais, é adiado ou até mesmo rejeitado, em determinadas circunstâncias, o batismo dos filhos. É justo que pais e padrinhos sejam preparados de modo adequado para o Batismo das crianças, mas também é importante que o primeiro sacramento da iniciação cristã seja visto sobretudo como um *dom gratuito de Deus-Pai*, pois «quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus» (*Jo* 3,7).

Com a exigência, em si justificada, de preparar pais e padrinhos, não podem faltar a bondade e prudência pastorais. Não se pode exigir dos adultos de boa vontade, aquilo para o que não lhes foi dada adequada motivação. Quando for requerido o Batismo, pode-se aproveitar para iniciar uma catequese aos pais que os torne capazes de compreender melhor o Sacramento, e dar assim uma educação cristã ao novo membro da família. - De qualquer forma, não se deve jamais extinguir a mecha que ainda fume, mas criar novos processos de evangelização adaptados ao mundo de hoje e às necessidades do povo. - O Bispo é o primeiro responsável para que todos os presbíteros, diáconos e agentes de pastoral tenham todo o zelo necessário, e toda a bondade e paciência com o povo menos instruído.

Outra tarefa primordial do vosso ministério sacerdotal consiste em reafirmar o papel vital da Eucaristia como «fonte e centro de toda a vida cristã» (*Lumen gentium*, 11). Na celebração do sacrifício eucarístico culmina não só o serviço dos Bispos e presbíteros, mas nele encontra o seu centro dinâmico a vida de todos os demais membros do Corpo de Cristo. A falta de sacerdotes e a sua distribuição desigual, por um lado e, por outro, a redução preocupante do número de quantos regularmente frequentam a Santa Missa dominical constituem um constante desafio para as vossas Igrejas. É evidente que essa situação sugere uma solução provisória, para não deixar a comunidade no abandono, com o risco de um progressivo empobrecimento espiritual. Porém, o incompleto carácter sacramental dessas funções litúrgicas, levadas a cabo por pessoas não ordenadas (leigos ou religiosos), deveria induzir toda a comunidade paroquial a orar com maior fervor a fim de que o Senhor envie trabalhadores para a sua messe (cf. *Mt* 9, 38).

7. Por fim, uma palavra sobre a missão de *governar* a vós confiada. Ao exercerdes esta tarefa, tendes sem dúvida diante dos olhos a imagem do Bom Pastor, que não veio para ser servido, mas para servir (cf. *Mt* 20, 28).

Neste sentido, recomendo-vos vivamente sobretudo os presbíteros das vossas Igrejas locais, para os quais,

como Bispos, constituís «o perpétuo e visível fundamento da unidade» (*Lumen gentium*, 23). Velar pelos vossos sacerdotes é um serviço muito exigente, sobretudo quando tardam os frutos do trabalho pastoral, com a possível tentação de esmorecimento e tristeza. Muitos pastores têm a impressão de trabalhar não numa vinha evangélica, mas numa estepe árida.

Conheço o peso dos empenhos diários ligados ao vosso ministério. Porém, com paterna solicitude recordo as palavras claras e repletas de sensibilidade do Concílio Vaticano II: «Por causa desta comunhão no mesmo sacerdócio e ministério, os Bispos devem estimar os presbíteros, como irmãos e amigos, e ter a peito o bem deles, quer o material, quer sobretudo o espiritual... Estejam dispostos a ouvi-los, consultem-nos e troquem com eles impressões sobre os problemas pastorais e o bem da Diocese» (*Presbyterorum ordinis*, 7). «Tenham uma compaixão prática pelos sacerdotes que se encontram em algum perigo ou faltaram já a alguns dos seus deveres» (*Christus Dominus*, 16).

8. Ante a imensidade da missão que vos está confiada, venerados Irmãos, nunca vos deixeis vencer pelo cansaço ou pelo desânimo porque o Senhor ressuscitado caminha convosco e torna fecundos os vossos esforços. É verdade que são numerosas as urgências pastorais, mas notáveis são também os recursos humanos e espirituais, com os quais podeis contar. A vós cabe a tarefa de conduzir este povo de Deus à plenitude da resposta fiel ao desígnio divino.

Acompanhe-vos Maria neste árduo mas entusiástico caminho. A cada um de vós, bem como aos sacerdotes e consagrados e a todos os fiéis das vossa Comunidades, de todo o coração concedo a minha Bênção.

[01619-06.02] [Texto original: Português]

UDIENZA AI PARTECIPANTI ALL'ASSEMBLEA PLENARIA DELLA PONTIFICIA COMMISSIONE PER I BENI CULTURALI DELLA CHIESA

Alle 11.30 di questa mattina, nella Sala Clementina del Palazzo Apostolico Vaticano, il Santo Padre ha ricevuto in Udienza i partecipanti all'Assemblea Plenaria della Pontificia Commissione per i Beni Culturali della Chiesa ed ha loro rivolto il discorso che pubblichiamo di seguito:

• DISCORSO DEL SANTO PADRE

Venerati Fratelli nell'Episcopato,
carissimi Fratelli e Sorelle!

1. Sono lieto di accogliervi, al termine dei lavori della IV Congregazione Plenaria della Pontificia Commissione per i Beni Culturali della Chiesa. Porgo a ciascuno un saluto cordiale, unendo sentimenti di viva gratitudine per il servizio sinora da voi svolto.

Il mio pensiero va, anzitutto, a Mons. Francesco Marchisano, Presidente della Commissione, che ringrazio per i sentimenti espressi a nome di tutti e per l'efficace sintesi dell'attività svolta. Il mio ringraziamento si estende ai Membri, agli Officiali e ai vari esperti, che generosamente offrono la loro intensa e proficua collaborazione. Desidero confermare a tutti il mio apprezzamento per quanto codesta Commissione sta facendo non soltanto per la tutela e la valorizzazione della ricca eredità artistica, monumentale e culturale accumulata dalla comunità cristiana nel corso di due millenni, ma anche per far meglio comprendere la sorgente spirituale da cui essa è scaturita.

La Chiesa ha sempre ritenuto che, attraverso l'arte nelle sue varie espressioni si rifletta, in qualche modo, l'infinita bellezza di Dio e la mente umana venga quasi naturalmente indirizzata verso di Lui. Anche grazie a questo contributo, come ricorda il Concilio Vaticano II, "la conoscenza di Dio viene meglio manifestata e la

predicazione evangelica si rende più trasparente all'intelligenza degli uomini" (*Gaudium et spes*, 62).

2. La Plenaria appena conclusa ha dedicato la sua attenzione al tema: "*I beni culturali per l'identità territoriale e per il dialogo artistico-culturale tra i popoli*". Ai giorni nostri, una più marcata sensibilità verso la conservazione e la 'fruibilità' delle risorse artistiche e culturali sta caratterizzando le politiche delle pubbliche amministrazioni e le molteplici iniziative di istituzioni private.

Caratterizza infatti il nostro tempo la consapevolezza che arte, architettura, archivi, biblioteche, musei, musica e teatro sacro non costituiscono solamente un deposito di manufatti storico-artistici, bensì un insieme di beni fruibili dall'intera comunità. A ragione, pertanto, la vostra Commissione ha progressivamente esteso i suoi interventi su raggio mondiale, consapevole che i beni culturali ecclesiastici costituiscono un terreno favorevole per un fecondo confronto interculturale. Alla luce di ciò, è quanto mai importante che venga garantita la tutela giuridica di tale patrimonio con opportuni orientamenti e disposizioni, che tengano conto delle esigenze religiose, sociali e culturali delle popolazioni locali.

3. Vorrei qui ricordare, con sentimenti di viva gratitudine, il contributo delle circolari e degli orientamenti offerti a conclusione delle periodiche Congregazioni Plenarie della vostra Commissione. Con il tempo ci si rende conto di quanto indispensabile sia collaborare fattivamente con le amministrazioni e le istituzioni civili al fine di creare insieme, ciascuno per quanto di propria competenza, efficaci sinergie operative a difesa e salvaguardia dell'universale patrimonio artistico. Sta molto a cuore alla Chiesa la valorizzazione pastorale del suo tesoro artistico. Essa infatti sa bene che per trasmettere tutti gli aspetti del messaggio affidatole da Cristo, le è singolarmente utile la mediazione dell'arte (cfr Giovanni Paolo II, *Lettera agli Artisti*, 12).

La natura organica dei beni culturali della Chiesa non permette di separare la loro fruizione estetica dalla finalità religiosa perseguita dall'azione pastorale. L'edificio sacro, ad esempio, raggiunge la sua perfezione 'estetica' proprio durante la celebrazione dei divini misteri, dato che è proprio in quel momento che risplende nel suo più vero significato. Gli elementi dell'architettura, della pittura, della scultura, della musica, del canto e delle luci formano parte dell'unico complesso che accoglie per le proprie celebrazioni liturgiche la comunità dei fedeli, costituita da "pietre vive" che formano un "edificio spirituale" (cfr *Pt 2*, 5).

4. Carissimi Fratelli e Sorelle! La Pontificia Commissione per i Beni Culturali della Chiesa rende da ormai 12 anni un prezioso servizio alla Chiesa. Vi incoraggio a proseguire nel vostro impegno, coinvolgendo sempre più quanti s'adoperano per vitalizzare il nostro patrimonio storico-artistico. Attraverso la vostra azione, si intensifichi un fecondo dialogo con gli artisti contemporanei, favorendo con ogni mezzo l'incontro e l'abbraccio fra la Chiesa e l'arte. A tale proposito, nella *Lettera agli Artisti* ricordavo che "a contatto con le opere d'arte, l'umanità di tutti i tempi – anche quella di oggi – aspetta di essere illuminata sul proprio cammino e sul proprio destino" (n. 14)

La Chiesa intende offrire un germe di speranza che superi il pessimismo e lo smarrimento anche attraverso i beni culturali, che possono rappresentare il fermento di un nuovo umanesimo su cui innestare più efficacemente la nuova evangelizzazione.

Con tali sentimenti, invocando la materna intercessione di Maria, la *Tota pulchra*, imparto di cuore a voi e alle persone care la mia Benedizione.

[01615-01.02] [Testo originale: Italiano]

MESSAGGIO DEL SANTO PADRE ALL'EM.MO CARD. FIORENZO ANGELINI

Pubblichiamo di seguito il Messaggio che il Santo Padre Giovanni Paolo II ha inviato all' Em.mo Card. Fiorenzo Angelini, Presidente emerito del Pontificio Consiglio per gli Operatori Sanitari, in occasione del VI Congresso

internazionale annuale dell'Istituto Internazionale di Ricerca sul Volto di Cristo:

• **MESSAGGIO DEL SANTO PADRE**

Al Venerato Fratello
Cardinale FIORENZO ANGELINI
Presidente emerito del Pontificio Consiglio
per gli Operatori Sanitari

1. La celebrazione in Roma del VI Congresso annuale, promosso dall'Istituto Internazionale di Ricerca sul Volto di Cristo, mi offre l'occasione, Signor Cardinale, di porgerLe il mio saluto cordiale e di esprimerLe vivo compiacimento per il nuovo contributo che l'incontro non mancherà di arrecare allo studio dell'importante argomento. Con esemplare tenacia e crescente entusiasmo Ella, Venerato Fratello, avvalendosi della collaborazione della benemerita Congregazione Benedettina delle Suore Riparatrici del Santo Volto di Nostro Signore Gesù Cristo, continua così a sollecitare illustri studiosi di ogni parte del mondo, ricchi della più diversa preparazione culturale, ad approfondire un tema di così rilevante efficacia evangelizzatrice. Infatti, "il Regno di Dio non è un concetto, una dottrina, un programma soggetto a libera elaborazione, ma è innanzitutto una Persona che ha il Volto e il nome di Gesù di Nazareth, immagine del Dio invisibile" (Lettera enc. *Redemptoris missio*, 37: AAS 83,1991, 282).

Non posso poi esimermi dal manifestarLe, Signor Cardinale, il mio grato apprezzamento per aver scelto, quest'anno, come tema di approfondimento della dottrina, della spiritualità e della devozione al Santo Volto di Cristo, il magistero e ministero pastorale da me svolto al riguardo: un magistero e un ministero che, dalla prima Enciclica *Redemptor hominis* (4 marzo 1979) sino ai più recenti documenti, ha fortemente privilegiato questo particolare riferimento alla Persona di Cristo.

Al termine del Grande Giubileo dell'Anno 2000 ribadivo: "Non è forse compito della Chiesa riflettere la luce di Cristo in ogni epoca della storia, farne risplendere il Volto anche davanti alle generazioni del nuovo Millennio? La nostra testimonianza sarebbe insopportabilmente povera se noi per primi non fossimo contemplatori del suo Volto" (Lettera ap. *Novo millennio ineunte*, 6 gennaio 2001, n. 16).

2. Favorendo con zelo e intelligenza l'apporto di tanti illustri studiosi, ricercatori, teologi, scrittori e artisti allo studio del Volto di Cristo, l'Istituto Internazionale di Ricerca reca un significativo contributo di comprovata autorevolezza alla presentazione della figura umana e divina di Cristo, giovando al progresso delle conoscenze sia sul piano della riflessione teologica che su quello della prassi pastorale.

Sul *piano della riflessione teologica*, poiché, dal momento che "solamente nel mistero del Verbo incarnato trova vera luce il mistero dell'uomo" (*Gaudium et spes*, 22), lo studio sul Volto di Cristo, prefigurato nei Salmi e nei Profeti e descritto con ricchezza di espressioni nel Nuovo Testamento, diventa via e introduzione a una sempre più approfondita conoscenza cristologica ed antropologica. Sul *piano*, inoltre, *della prassi pastorale*, poiché nel Volto di Cristo, sofferente e risorto, la Chiesa, maestra di umanità, riconosce il volto più vero e più profondo dell'uomo a cui Cristo offre redenzione e salvezza. La contemplazione del Volto di Cristo, quindi, recupera e ripropone quella *teologia vissuta* dei Santi che possiamo considerare come la più illuminante testimonianza della vera sequela di Gesù e come il più valido supporto per un'efficace catechesi cristiana nel nostro tempo.

Né può peraltro sfuggire, Signor Cardinale, la *valenza ecumenica* della contemplazione del Volto di Cristo: nella ricerca sempre più approfondita di quei santi lineamenti Oriente e Occidente si incontrano e si integrano, come dimostrano i contributi al riguardo illustrati nei Congressi che l'Istituto Internazionale di Ricerca sul Volto di Cristo ha dedicato a questo tema.

3. Nel formulare l'augurio che anche questo VI Congresso sul Volto di Cristo sia fecondo di frutti di bene, La prego, Signor Cardinale, di farsi interprete della mia spirituale presenza ai lavori del Congresso, trasmettendo il mio beneaugurante saluto agli illustri relatori, ai partecipanti ed a quanti, nelle forme più varie, sostengono l'attività e le iniziative di codesto Istituto Internazionale. In particolare, voglia farsi tramite del mio affettuoso incoraggiamento alle Sorelle della Congregazione Benedettina delle Suore Riparatrici del Santo Volto di Nostro

Signore Gesù Cristo, che con encomiabile dedizione La coadiuvano nella Sua sempre solerte azione.

Nell'affidare alla celeste intercessione della Vergine Santissima il Suo lavoro, Venerato Fratello, e quello di quanti in vario modo prendono parte al Congresso, a tutti invio di cuore una speciale Benedizione Apostolica.

Dal Vaticano, 19 Ottobre 2002

IOANNES PAULUS II

[01616-01.01] [Testo originale: Italiano]

RINUNCE E NOMINE • NOMINA DEL NUNZIO APOSTOLICO IN BANGLADESH • NOMINA DELL'INVIATO SPECIALE ALLE CELEBRAZIONI DEL 1950° ANNIVERSARIO DELL'ARRIVO IN INDIA DI SAN TOMMASO APOSTOLO E DEI 450 ANNI DALLA MORTE DI SAN FRANCESCO SAVERIO (ERNAKULAM, INDIA, 16-17 NOVEMBRE 2002)

• NOMINA DEL NUNZIO APOSTOLICO IN BANGLADESH

Il Santo Padre ha nominato Nunzio Apostolico in Bangladesh il Rev.do Mons. Paul Tschang In-Nam, Consigliere di Nunziatura, elevandolo in pari tempo alla sede titolare di Amanzia, con dignità di Arcivescovo.

S.E. Mons. Paul Tschang In-Nam

S.E. Mons. Paul Tschang In-Nam è nato a Seoul (Corea) il 30 ottobre 1949.

E' stato ordinato sacerdote il 17 dicembre 1976.

Si è incardinato a Cheongju.

E' laureato in Teologia.

Entrato nel Servizio diplomatico della Santa Sede il 1° maggio 1985, ha prestato la propria opera successivamente presso le Rappresentanze Pontificie in El Salvador, Etiopia, Siria, Francia, Grecia, Belgio. Conosce l'italiano, l'inglese, il tedesco, il francese e lo spagnolo.

[01618-01.01]

• NOMINA DELL'INVIATO SPECIALE ALLE CELEBRAZIONI DEL 1950° ANNIVERSARIO DELL'ARRIVO IN INDIA DI SAN TOMMASO APOSTOLO E DEI 450 ANNI DALLA MORTE DI SAN FRANCESCO SAVERIO (ERNAKULAM, INDIA, 16-17 NOVEMBRE 2002)

Il Santo Padre ha nominato l'Em.mo Card. Crescenzo Sepe, Prefetto della Congregazione per l'Evangelizzazione dei Popoli, Suo Inviato Speciale alle solenni celebrazioni del 1950° anniversario dell'arrivo in India di San Tommaso Apostolo e dei 450 anni dalla morte di San Francesco Saverio. Tali celebrazioni avranno luogo ad Ernakulam (India) il 16 e il 17 novembre prossimo.

[01617-01.01]
